

Vale do amanhecer: uma visão etnocenológica

Marila Marques
mestre

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia – UFBA
musicista, atriz e arte-educadora

Resumo: O artigo aborda aspectos ligados aos rituais da doutrina espiritualística Vale do amanhecer, apontando a espetacularidade, teatralidade, matrizes estéticas utilizadas nestes rituais a partir da etnocenologia. Trazendo-se o Vale como objeto de pesquisa para um pretendido doutorado.

Palavras-chave: Etnocenologia, Teatralidade, Espetacularidade, Estética, Música, Vale do Amanhecer.

O objeto

O *Vale do Amanhecer* é uma doutrina espiritualista surgida em 1969, em Planaltina, na região metropolitana de Brasília/ DF, com a participação decisiva de Neiva Chaves Zelaya, conhecida como médium e chamada de “Tia Neiva”. Seus rituais envolvem música (mantras), diversos tipos de indumentárias e de “cenários”. Nesses rituais, acompanhados, por vezes, de música, pré-determinam-se falas, textos, gestos, andamentos e atitudes que podem ser vistos e estudados com o uso de categorias e noções teóricas como espetacularidade, teatralidade e encenação. Hoje, a doutrina do *Vale do Amanhecer* continua a ser praticada em seu local de origem e em outras diversas localidades, no Brasil e no exterior.

Segundo Oliveira (2007, p. 7), O *Vale do Amanhecer* “destaca-se por seu sincretismo de crenças e símbolos, e por sua peculiar visualidade, potencializada, principalmente, nos diversos espaços ritualísticos e nas indumentárias utilizadas por seus adeptos”. E, ainda segundo esse autor, “A comunidade, cuja organização sócio-cultural é pautada pelo sagrado, data mais de quatro décadas de existência e é um dos pólos de turismo místico do Planalto Central”.

A extrema variedade de cores e indumentárias, o sincretismo de imaginários e a utilização simultânea de diversos aspectos estéticos e culturais incluem matrizes hinduístas, gregas, romanas, indianas, africanas, indígenas e, enfim, brasileiras, abrangendo desde a sabedoria dos que aí se denomina de pretos-velhos, caboclos, sereias até diversas falanges espirituais.

Objetivos, características do objeto e a etnocenologia

Brantes (2000) acredita que a etnocenologia tenha surgido “talvez pela necessidade de compreender o espetacular através da transdisciplinaridade interessada na dinâmica provocada pela ação dos vários níveis de realidade ao mesmo tempo”. (p.79-80)

A partir de estudos de Bião (2007), sabe-se que a etnocenologia dialoga com as etnociências (etnomusicologia, etnolinguística etc), a etnometodologia, a sociologia, e a antropologia, também “interessadas na teatralidade do cotidiano e na metáfora do espetáculo” (p. 25)¹. Mas existem questões que diferenciam essas ciências da etnocenologia, no que diz respeito aos objetos de estudo. Busca-se “enfrentar a problemática que é a definição dos objetos da etnocenologia, originalmente descritos como as práticas e os comportamentos humanos espetaculares organizados (PCHEO)”. Para Pavis (2005, p. 152), trata-se de uma nova disciplina que amplia o estudo do teatro ocidental para práticas espetaculares do mundo inteiro, “em particular as que se originam do rito, do cerimonial, das *cultural performances* (práticas culturais)”.

Bião (2007) considera que o sujeito (pesquisador) deva estar ligado (vida social/ artística e acadêmica) ao objeto de estudo, e propõe uma reflexão de ordem metodológica sobre o trajeto do sujeito ao objeto. O autor (p. 26) divide em três subgrupos as “práticas e os comportamentos humanos espetaculares organizados”: artes do espetáculo, ritos espetaculares e formas cotidianas espetacularizadas pelo olhar do pesquisador. E, em seguida, classifica essas práticas e comportamentos como objetos do ponto de vista substantivo, adjetivo e adverbial. Nesse contexto, o objeto *Vale do Amanhecer* encontra-se classificado como adjetivo, pois se caracteriza como “ritos espetaculares”, que Bião (p.27) descreve como fenômenos ditos adjetivamente espetaculares: “o campo dos rituais religiosos e políticos, dos festejos públicos, enfim ritos representativos ou comemorativos”.

O Vale possui princípio espiritual e ritualístico, tendo como mentor “Pai Seta Branca”, “Cacique”, que os adeptos respeitam como representante da doutrina na terra e no mundo espiritual. Abaixo de Deus, de Jesus e da Mãe Santíssima, Pai Seta Branca e Mãe Yara (Yemanjá) se encontram na posição mais elevada na hierarquia do Vale, seguidos dos demais mentores (pretos velhos, caboclos, entre outros). Seta Branca, segundo a doutrina, é uma das reencarnações de São Francisco de Assis, da igreja católica, e Mãe Yara, sua alma gêmea Santa Clara, que representa a força das águas e simboliza Yemanjá.

¹ BIÃO, Armindo. Um trajeto, muitos projetos. In: _____. **Artes do corpo e do espetáculo**: questões de etnocenologia. Armindo Jorge de Carvalho Bião (Org.). Salvador: P&A Editora, 2007, p.25

O Vale possui diversas características de transculturação estética e religiosa, e suas matrizes compõem uma doutrina de sincretismo, que se expressa em formas de espetacularidade, que objetivam o mundo espiritual, e numa teatralidade cotidiana muito singular de seus adeptos:

A Teatralidade – Considera-se assim sua presença em toda interação humana não especificamente teatral, que acontece no dia-a-dia, em situações corriqueiras, mas que impliquem a organização de cada pessoa para o olhar do outro. Para Bião (2007, p. 44)², “todas as interações mais banais e cotidianas, nas quais podemos compreender todas as pessoas envolvidas que agem, simultaneamente, como atores e espectadores da interação”, utilizando-se aí os vocábulos teatrais apenas como metáfora. Maffesoli (2007, p. 31-31) aponta a necessidade da compreensão sociológica da vida cotidiana, considerando-a “adequada para descrever, de dentro, os contornos, os limites e a necessidade das situações e das representações constitutivas da vida cotidiana”. No caso, a etnocologia estuda o que se pode chamar teatralidade do cotidiano, não deixando quando necessário de dialogar com a sociologia e outras ciências.

A espetacularidade – Para (PRADIER 1999, p.24), trata-se de “uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar, uma forma distinta das ações banais do cotidiano”. Para Bião³, espetacularidade é “uma espécie de respiração coletiva mais extraordinária, ainda que para a parte das pessoas envolvidas possa se tratar de um hábito cotidiano.” No Vale pode-se observar espetacularidade nos diversos rituais da doutrina, no uso das indumentárias, nas festas ciganas etc.

As matrizes estéticas – Para Bião⁴, não se trata de um conceito “rígido” (Maffesoli, 1985), mas “matrizes”, no plural, têm uma “posição paradoxal”, pois, matriz remete à idéia de mãe, que remete a idéia de única, e “estéticas” estaria ligada ao estudo das características “sensoriais e artísticas e da compreensão do belo”. O Vale possui diversas matrizes em sua constituição, de ordem filosófica, religiosa e cultural (espírita kardecista e católica, entre outras), que sugerem a necessidade de aprofundamento em pesquisas para caracterizá-las de forma mais precisa.

² BIÃO, Armindo. Um léxico para a etnocologia: proposta preliminar. In: V Colóquio Internacional de Etnocologia. (25 a 29 ago. 2007)/ UFBA. **Anais...** Armindo Jorge de Carvalho Bião. (Org). Salvador: Fast Desing, 2007, p. 44.

³ Id. Ibid, p. 44

⁴ Id. Ibid, p. 46

Faz-se necessário, entretanto, destacar os aspectos da música no Vale do Amanhecer: os Hinos mânticos são utilizados para ajudar espiritualmente aos pacientes⁵; que vão à busca de se esclarecer, ouvir e conhecer a doutrina, e aos espíritos desencarnados que ali estão. A música harmoniza o ambiente e permite que os médiuns (trabalhadores) continuem em sintonia com espíritos superiores. Allam Merriam (1964) especifica em seu livro *Antropology of music* os usos e funções da música, e apresenta 10 categorias, dentre elas a Função de Validação das instituições sociais e rituais religiosos (MERRIAM, 1964, p. 225.). Os mantras do Vale possuem uma harmonia interessante e uma melodia geralmente simples, com diversos significados em cada ritual: hinos de abertura e fechamento de trabalhos, alguns cantados apenas nos rituais, cada qual com suas características específicas.

Segundo Brantes (2000, p. 79), “A etnocenologia nascida em 1995 se inspirou na questão colocada pela etnomusicologia, em 1950, a propósito da música como um traço específico da espécie humana”. Segundo a autora, Pradier (1994) busca confirmar que “o espetacular da mesma forma que a linguagem e talvez a religião, é um traço da espécie humana”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIÃO, Armindo. **Artes do corpo e do espetáculo**: Questões de etnocenologia / Armindo Jorge de Carvalho Bião (Organizador). Salvador: P&A editora, 2007.
_____. (org.). V colóquio internacional de etnocenologia. **Anais**. Salvador: PPGAC/ Fast Design, 2007.

BRANTES, Eloisa. Um abraço da etnocenologia no popular brasileiro. In: Anais 1ª Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas, 1. **Anais...** Salvador: ABRACE, 2000, p. 79-84.

MAFFESSOLI, Michel. **O conhecimento comum**: Introdução à sociologia compreensiva. Trad. Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

MERRIAM, Alan P. **Antropology of music**. E.U.A.: North-western University Press, 1964.

OLIVEIRA, Daniela de. **Visualidades em foco**: conexões entre a cultura visual e o Vale do Amanhecer. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Goiás. FAV/UFG, Goiás, 2007.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. Trad. J.Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PRADIER, Jean- Marie. Etnocenologia. In: GREINER, Christine; BIÃO, Armindo. (Orgs.) **Etnocenologia**: Textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999, p. 23-29.

⁵ São visitantes do templo que vão para assistir e/ou participar dos trabalhos